

As
SETE IRMÃS

LUCINDA RILEY

Tradução:

Elaine Cristina Albino de Oliveira



Título original: *The Seven Sisters*
Copyright © 2014 by Lucinda Riley
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riley, Lucinda

As sete irmãs / Lucinda Riley ; tradução Elaine Cristina Albino de Oliveira.
-- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: *The seven sisters* : Maia
ISBN 978-85-8163-533-0

1. Ficção inglesa I. Título.

14-04405

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para minha filha Isabella Rose.

*“Todos nós estamos na sarjeta, mas
alguns olham para as estrelas.”*

OSCAR WILDE

As
SETE IRMÃS



Atlantis

Pa Salt – o pai adotivo das irmãs (falecido)

Marina (Ma) – a guardiã das irmãs

Cláudia – governanta de *Atlantis*

Georg Hoffman – advogado de Pa Salt

Christian – o comandante da lancha

As irmãs D'Aplíese

Maia

Ally (Alcyone)

Star (Asterope)

CeCe (Celeano)

Tiggy (Taygete)

Electra

Merope (não encontrada)

NOTA DA AUTORA

A série *As Sete Irmãs* é livremente baseada na mitologia das Sete Irmãs das Plêiades, a conhecida aglomeração de estrelas no famoso cinturão de Órion. Da civilização maia aos gregos, passando pelos aborígenes, as Sete Irmãs sempre estiveram presentes em inscrições e em versos. Os marinheiros as utilizam como farol há milhares de anos, e até mesmo uma marca de carros japonesa, a Subaru, teve o seu nome inspirado nas irmãs.

Muitos dos nomes presentes na série são anagramas de personagens que povoam lendas, com frases alegóricas relevantes referidas aqui e ali. Não é necessário saber nada disso para apreciar os livros, mas, se você se interessar por conhecer um pouco mais sobre Pa Salt, Maia e suas irmãs, por favor visite o meu site, onde muitas lendas e histórias são revelados: www.lucindariley.com.



MAIA
22 DE JUNHO DE 2007

PRIMEIRO QUARTO
13; 16; 21

1 

Sempre me lembrarei de onde estava e o que estava fazendo quando soube que meu pai havia morrido.

Eu estava sentada no belo jardim da casa da minha velha amiga de escola, em Londres, lendo um livro e desfrutando o sol de junho enquanto Jenny fora buscar seu menino na escola.

Quando meu celular tocou, estava pensando no quanto me sentia calma e em como viajar tinha sido uma ótima ideia. Lembro-me claramente de que, ao olhar para a tela do telefone e ver o nome de Marina, estava estudando as clematites que desabrochavam seus botões frágeis, dando à luz uma profusão de cores, encorajadas por uma parteira ensolarada quando meu celular tocou.

— Olá, Ma, como está? — atendi, ouvindo o calor refletido na minha voz.

— Maia, eu...

— O que foi?

Marina fez uma pausa, e, naquele momento, eu soube que alguma coisa estava muito errada.

— Maia, não há outro jeito de te dizer isso. Seu pai sofreu um ataque cardíaco aqui em casa ontem à tarde e, nas primeiras horas desta manhã, ele... faleceu.

Permaneci em silêncio, enquanto um milhão de pensamentos diferentes e ridículos passavam por minha cabeça. O primeiro era que

Marina, por algum motivo desconhecido, decidira me contar uma piada de mau gosto.

— Você é a primeira das irmãs a quem conto, Maia, já que é a mais velha. E eu queria perguntar se você prefere contar às suas irmãs... ou quer que eu conte.

— Eu...

As palavras não se formavam coerentemente em meus lábios, então comecei a perceber que Marina, a querida e amada Marina, a mulher que representava a única mãe que eu conhecia, nunca me diria aquilo se *não fosse* verdade. Só podia ser verdade. E, naquele momento, meu mundo inteiro virou de ponta-cabeça.

— Maia, por favor me diga que você está bem. Essa é a pior notícia que já tive que dar na vida, mas o que mais eu poderia fazer? Deus sabe como as outras meninas vão receber a notícia.

Foi então que ouvi o sofrimento em *sua* voz e compreendi que precisava me conter; tanto para seu próprio bem quanto para o meu. Automaticamente, incapaz de começar a racionalizar a névoa rubra do meu próprio choque e confusão, passei a agir dentro da minha zona de conforto, que era consolar os outros.

— Claro que ligo para minhas irmãs se você preferir, Ma, mas não tenho certeza de onde elas estão. Alcyone não está treinando para uma regata?

Enquanto continuávamos a discutir onde cada uma das minhas irmãs mais novas estava, como se precisássemos nos reunir para uma festa de aniversário em vez de lamentar a morte de nosso pai, a conversa ganhou um ar surreal.

— Para quando devemos planejar o funeral em sua opinião? Com Electra em Los Angeles e Alcyone em algum lugar em alto-mar, certamente não podemos considerar nada antes da próxima semana, no mínimo — eu disse.

— Bem — ouvi certa hesitação na voz de Marina. — Talvez seja melhor discutirmos isso quando você chegar em casa. Não há pressa agora, Maia, então, se você preferir continuar em Londres durante esses

dois últimos dias de férias, estará tudo bem. Não há mais nada a fazer aqui... — Sua voz foi engolida pela tristeza.

— Ma, estarei no próximo voo para Genebra! Vou telefonar para a empresa aérea imediatamente e aviso o horário do voo. Enquanto isso, farei o possível para entrar em contato com todo mundo.

— Sinto muitíssimo, *chérie* — Marina suspirou. — Sei como você o idolatrava.

— Claro — respondi, a serenidade surreal que havia me dominado enquanto discutíamos o que fazer me desertando de repente, como a calma que antecede uma tempestade violenta. — Telefono mais tarde, quando souber a que horas em que vou chegar.

— Enquanto isso, cuide-se, por favor, Maia. Você sofreu um choque terrível.

Pressionei o botão para encerrar a ligação e, antes que as nuvens da tempestade em meu coração começassem a me afogar, subi as escadas até meu quarto para abrir o e-mail de confirmação do voo de volta e entrar em contato com a empresa aérea. Enquanto esperava para ser atendida, olhei para a cama onde havia acordado naquela manhã, esperando um dia como outro qualquer. E agradei a Deus pelo fato de os seres humanos não possuírem o dom de prever o futuro.

A mulher prestativa que me atendeu não ajudou muito, e eu sabia, enquanto ela falava de voos lotados, multas e detalhes do cartão de crédito, que minha represa emocional estava prestes a romper. Por fim, assim que relutantemente me cederam um lugar no voo das quatro horas para Genebra, o que significava jogar tudo na mala imediatamente e pegar um táxi para Heathrow, sentei-me sobre a cama e fixei meu olhar por tanto tempo no papel de parede que a estampa começou a dançar diante dos meus olhos.

— Ele se foi — suspirei. — Se foi para sempre. Nunca mais o verei.

Eu esperava que admitir a partida dele em voz alta traria uma torrente violenta de lágrimas e fiquei surpresa quando nada aconteceu. Em vez disso, fiquei sentada, estarrecida, com a mente dominada por praticidades. A ideia de contar às minhas irmãs — às cinco — era terrível,

e procurei no meu arquivo emocional qual delas deveria informar primeiro. Inevitavelmente pensei em Taygete, a segunda mais jovem entre nós seis e a irmã de quem eu sempre fora mais próxima.

Com dedos trêmulos, procurei seu número em minha lista de contatos e fiz a ligação. Quando sua secretária eletrônica atendeu, eu não soube o que dizer, exceto algumas palavras distorcidas pedindo que me ligasse de volta. Ela estava em algum lugar na região montanhosa da Escócia, trabalhando em um centro que cuidava de cervídeos doentes e órfãos.

Quanto às minhas outras irmãs... eu sabia que suas reações iriam variar, pelo menos em aparência, da indiferença a uma efusão dramática de emoção.

Considerando que eu não tinha certeza, naquele momento, de onde *eu* estaria na escala de dor quando falasse com qualquer uma delas, decidi agir como uma covarde e enviar uma mensagem de texto a todas, pedindo para me ligarem assim que possível. Apressadamente, arrumei a mala e desci as escadas estreitas até a cozinha para escrever um bilhete a Jenny, explicando por que tive que partir com tanta pressa.

Decidindo arriscar as ruas de Londres e chamar um táxi, deixei a casa e caminhei rapidamente pela Chelsea Crescent como qualquer pessoa normal faria em um dia normal. Acredito até que tenha dito olá para alguém que passeava com um cachorro, ao cruzar com ele na rua, e consegui sorrir.

Ninguém saberia o que havia acabado de acontecer comigo, pensei, enquanto conseguia um táxi na movimentada King's Road e entrava no veículo, indicando Heathrow como destino.

Ninguém saberia.

* * *

Cinco horas depois, no momento em que o sol começava a se pôr tranquilamente sobre o Lago Léman, cheguei ao nosso pontão particular na orla, de onde seguiria para a última parte da minha jornada de volta para casa.

Christian já estava me esperando em nossa lancha Riva. Pela expressão em seu rosto, deduzi que já sabia da notícia.

— Como vai, mademoiselle Maia? — ele perguntou com compaixão em seus olhos azuis, ajudando-me a embarcar na lancha.

— Estou... feliz por estar aqui — respondi com neutralidade, dirigindo-me ao outro lado do barco e me sentando sobre o assento de couro macio que ocupava toda a extensão da popa. Geralmente eu me sentaria com Christian no banco do passageiro enquanto acelerávamos sobre as águas calmas em uma viagem de vinte minutos. Mas, hoje, ambos respeitamos minha privacidade. Assim que Christian deu a partida no motor potente, o sol refletiu nas janelas das casas fabulosas que se alinhavam às margens do Lago Léman. Frequentemente eu sentia, ao fazer essa viagem, que estava entrando em um mundo etéreo, alheio à realidade.

O mundo de Pa Salt.

Notei a primeira evidência vaga de lágrimas brotando em meus olhos quando pensei no apelido carinhoso do meu pai, que inventei quando era criança. Ele sempre fora apaixonado por velejar e, com frequência, quando voltava para nossa casa no lago, cheirava a ar fresco e ao mar. De algum jeito, o apelido pegou, e minhas irmãs mais jovens também o usavam.

Enquanto a lancha ganhava velocidade e a brisa morna corria pelos meus cabelos, pensei nas centenas de viagens que já fizera para *Atlantis*, o castelo de conto de fadas de Pa Salt. Impossível de acessar por terra, devido à sua posição em um promontório particular e uma meia-lua de terreno montanhoso se erguendo por detrás da casa, o único meio de chegar a *Atlantis* era de barco. Os vizinhos mais próximos estavam a quilômetros de distância ao longo do lago, fazendo de *Atlantis* nosso reino particular, separado do resto do mundo. Tudo o que o lugar continha era mágico... como se Pa Salt e nós, suas filhas, vivêssemos sob um encantamento.

Cada uma de nós havia sido escolhida por Pa Salt quando éramos bebês, adotadas pelos quatro cantos do globo e trazidas para viver sob sua proteção. E cada uma de nós, como Pa gostava de dizer, era especial,

diferente... *suas* meninas. Ele nos batizou com o nome das Sete Irmãs, sua constelação favorita. Eu, Maia, a primeira e a mais velha.

Quando era mais jovem, ele me levava ao seu observatório coberto por um domo de vidro no topo da casa, me levantava com suas mãos fortes e grandes e me deixava olhar para o céu noturno através do seu telescópio.

— Lá estão elas — ele dizia enquanto alinhava as lentes. — Olhe, Maia, veja a bela estrela brilhante que te deu seu nome.

E eu *olhava*. Enquanto ele explicava as lendas que eram a fonte do meu nome e do nome das minhas irmãs, eu não prestava muita atenção, mas simplesmente apreciava seus braços apertados ao meu redor, levemente ciente daquele momento raro em que o tinha apenas para mim.

Finalmente reconheci Marina, que eu pensava ser minha mãe enquanto crescia — até mesmo abreviei seu nome para “Ma” —, como babá contratada por Pa para cuidar de mim, visto que ele passava muito tempo longe. Porém, Marina era muito mais do que isso para todas nós. Era ela quem enxugava nossas lágrimas, nos repreendia pela falta de modos à mesa e nos guiava calmamente pela difícil transição da infância para a vida adulta.

Em poucas palavras, sempre estive ao nosso lado. Eu não poderia tê-la amado mais, mesmo se ela fosse minha mãe biológica.

Durante os três primeiros anos da minha infância, Marina e eu vivemos sozinhas em nosso castelo mágico às margens do Lago Léman, enquanto Pa Salt viajara pelos sete mares para administrar seus negócios. E então, uma a uma, minhas irmãs começaram a chegar.

Geralmente, Pa me trazia um presente sempre que retornava para casa. Eu ouvia o motor da lancha se aproximando, corria pelo gramado e através das árvores até o píer para abraçá-lo assim que descesse da lancha. Como qualquer criança, queria ver o que ele tinha escondido em seus bolsos mágicos para me agradar. Certa vez, contudo, depois de me presentear com uma rena perfeitamente talhada em madeira, que ele garantiu ser da oficina de São Nicolau, no Polo Norte, uma mulher uniformizada desceu da lancha atrás dele. Em seus braços havia um montinho embrulhado em um xale. E o montinho estava se mexendo.

— Desta vez, Maia, eu trouxe um presente muito especial. Você tem uma irmã — ele sorriu para mim e me ergueu em seus braços. — Agora você não vai mais se sentir solitária quando eu precisar viajar.

Depois disso, a vida mudou. A enfermeira que Pa trouxe desapareceu algumas semanas mais tarde, e Marina assumiu os cuidados com minha irmã. Eu não conseguia entender como aquela coisa vermelha que não parava de berrar, frequentemente fedida e tirava a atenção de mim poderia ser um presente. Até certa manhã, quando Alcione — batizada com o nome da segunda estrela das Sete Irmãs — sorriu para mim de sua cadeira durante o café da manhã.

— Ela sabe quem eu sou — falei, admirada, para Marina, que a estava alimentando.

— Claro que sabe, querida Maia. Você é a irmã mais velha dela, o modelo que ela vai seguir. Será sua responsabilidade ensinar a ela muitas das coisas que você já sabe.

Enquanto crescia, ela se tornou minha sombra, me seguindo para todo lugar, o que me agradava e me irritava igualmente.

— Maia, me espere! — exigia enquanto tropeçava atrás de mim.

Na verdade, ainda que Alcyone — o apelido que lhe dei — fosse originalmente um acréscimo indesejado à minha existência onírica em *Atlantis*, eu não poderia ter desejado uma companheira mais doce e adorável. Ela raramente chorava e não fazia birra, como muitas crianças de sua idade. Com seus cachinhos louro-avermelhados e grandes olhos azuis, Alcyone tinha um charme natural que atraía as pessoas, incluindo nosso pai. Em certas ocasiões em que Pa Salt estava em casa depois de uma de suas longas viagens ao exterior, eu notava como seus olhos brilhavam quando ele a olhava, de um jeito que eu sabia que não brilhavam por mim. Enquanto eu era tímida e reticente com estranhos, Alcyone tinha uma franqueza e uma confiança que conquistavam a todos.

Ela também era uma daquelas crianças que pareciam destacar-se em tudo — particularmente música e esportes aquáticos. Eu me lembro de Pa nos ensinando a nadar em nossa piscina enorme, e, enquanto eu lutava para aprender a técnica para boiar e detestava ficar embaixo

d'água, minha irmãzinha parecia uma sereia. Enquanto eu tinha dificuldade para encontrar o equilíbrio em um barco, mesmo no *Titan*, o iate gigantesco e maravilhoso de Pa Salt quando estava em casa, Alcyone implorava que ele a levasse para velejar na Laser que ele tinha aportado em nosso píer particular. Eu me agachava na pequena popa do barco enquanto Pa e Alcyone assumiam o controle e nós acelerávamos pelas águas transparentes. Essa paixão que compartilhavam por velejar os unia de um jeito que eu jamais poderia imitar.

Apesar de Alcyone ter estudado música no *Conservatoire de Musique de Genève* e ser uma flautista talentosa, que poderia ter agraciado uma orquestra profissional, ela escolheu seguir a carreira de velejadora assim que deixou a escola de música. Agora, competia em regatas regularmente e já havia representado a Suíça em uma série de ocasiões.

Então, quando Alcyone tinha quase três anos, Pa chegou em casa com nossa nova irmã, chamada Astérope — em homenagem à terceira estrela das Sete Irmãs.

— Mas vamos chamá-la de “Asterope” — Pa sorriu para Marina, para Alcyone e para mim enquanto estudávamos o novo acréscimo à família, deitado em seu moisés.

Mas agora eu estava frequentando aulas toda manhã com um professor particular, então a chegada da minha nova irmã me afetou menos que a chegada de Alcyone. Assim como, apenas seis meses depois, outra bebê com doze semanas de vida, chamada Celeno, a quem Alcyone imediatamente começou a chamar de Celeano.

Havia apenas três meses de diferença entre Asterope e Celeano, e, desde que consigo me lembrar, as duas formaram um vínculo estreito. Eram como gêmeas, conversando em sua própria linguagem infantil, que às vezes ainda usam para se comunicar. Elas habitavam um mundo particular, excluindo todas nós. Até agora, com mais de vinte anos de idade, nada mudou. Celeano, a mais nova das duas, sempre foi a chefe, seu corpo robusto e pele castanha um contraste direto com a palidez delicada de Asterope.

No ano seguinte, mais um bebê chegou. Taígeta — a quem apelidei de “Taygete”, por causa de seu cabelo curto e negro, espetado em

ângulos estranhos e que me fazia lembrar do pequeno ouriço na famosa história de Beatrix Potter.

Então com sete anos de idade, criei um elo com Taygete desde o primeiro momento em que a vi. Ela era a mais delicada de todas nós, padecendo de uma doença infantil atrás da outra, mas era um bebê estoico e complacente. Quando outro neném chegou, Electra, trazida por Pa poucos meses depois, uma Marina exausta frequentemente me pedia para ficar com Taygete, que sofria de febres ou dores de garganta. Finalmente diagnosticada com asma, ela raramente deixava o berçário para passear nos jardins em seu carrinho, pois o ar frio e a neblina pesada do inverno de Genebra poderiam afetar seus pulmões.

Electra era a mais nova das minhas irmãs. Ela, como eu, nunca teve um apelido, porque seu nome combinava perfeitamente com ela. Àquela altura, eu estava acostumada com bebês e suas exigências, mas minha irmã mais nova era, sem dúvida, a mais rabugenta de todas. Tudo nela *era* elétrico; sua habilidade natural em mudar de humor de uma hora para outra significava que nosso lar, até então calmo, ecoava diariamente com gritos agudos. Seus acessos de raiva ressoaram por toda a minha infância, e, quando cresceu, sua personalidade inflamável não abrandou.

Em particular, Alcyone, Taygete e eu tínhamos nosso próprio apelido para ela, que era conhecida entre nós três como “Ardilosa”. Todas pisávamos em ovos perto dela, não querendo fazer nada que pudesse motivar uma mudança de humor repentina. Posso honestamente dizer que houve momentos em que a odiei pela desordem que trouxe a *Atlantis*.

Ainda assim, quando sabia que uma de nós estava com problemas, Electra era a primeira a oferecer ajuda e apoio. Tanto quanto era capaz de enormes atos de egoísmo, sua natureza generosa era igualmente marcante em outras ocasiões.

Depois de Electra, a casa toda esperava pela chegada de nossa sétima irmã. Afinal, recebemos nosso nome da constelação preferida de Pa Salt e não estaríamos completas sem ela. Até sabíamos seu nome, Mérope, e imaginávamos como ela seria. Mas um ano inteiro se passou, depois outro e outro, e mais nenhum bebê chegou a *Atlantis* com Pa.

Lembro-me vivamente de estar com meu pai certa noite em seu observatório. Estava com quatorze anos e às vésperas da adolescência. Esperávamos um eclipse, que ele dizia ser um momento embrionário para nós, humanos, pois sempre trazia mudanças.

— Pa — perguntei. — Quando você vai trazer nossa sétima irmã para casa?

Seu corpo forte e protetor pareceu paralisar por alguns instantes.

Ele me olhou subitamente, como se carregasse o peso do mundo sobre os ombros. Ainda que não tenha se virado, pois ele continuou a se concentrar em alinhar o telescópio com o eclipse que se aproximava, eu soube instintivamente que o deixara angustiado.

— Não, Maia, não vou trazê-la. Porque nunca a encontrei.

Quando a cerca viva e familiar das pináceas, que protegiam a frente da casa dos olhos curiosos, apareceu no horizonte e eu vi Marina esperando no píer, finalmente comecei a absorver o horror trazido pela perda de Pa.

E percebi que o homem que criara um reino em que todas nós éramos suas princesas não estava mais aqui para sustentar o encantamento.

Marina colocou seus braços gentilmente ao redor dos meus ombros assim que pisei no pír. Sem dizer nada, nos viramos e caminhamos juntas por entre as árvores e atravessamos o gramado amplo que levava até a casa. Em junho, nossa linda casa atingia o ápice de esplendor. Os jardins ornados estavam explodindo em flores, instigando os habitantes a explorar os caminhos escondidos e as grutas secretas.

A casa em si, construída no fim do século XVIII no estilo Luís XV, era um retrato da elegância majestosa. Com quatro andares, suas paredes maciças em rosa-pálido eram salientadas por janelas altas e cobertas por um telhado vermelho íngreme, com pequenas torres em cada canto. Mobiliada com requinte e com todo o luxo moderno, seus carpetes e sofás aconchegantes protegiam e confortavam a todos nós que ali vivíamos. Até mesmo a temperatura interna parecia se ajustar perfeitamente ao clima do lado de fora. Nós, irmãs, dormíamos no último andar, que tinha vistas soberbas e ininterruptas do lago por cima do topo das árvores. Marina ocupava uma suíte no mesmo andar que nós.

Olhei para ela e vi que parecia cansada. Seus olhos castanhos estavam manchados com as sombras da exaustão e seus lábios, sempre sorridentes, encontravam-se tensos e comprimidos. Suponho que deveria estar com mais de sessenta anos, mas ela não aparentava. Alta, com traços aquilinos fortes, era uma mulher bela e elegante, sempre vestida impecavelmente,

um chique natural que revelava sua ancestralidade francesa. Eu me lembro de que, quando eu era mais nova, ela costumava usar os cabelos negros e sedosos soltos, mas agora os prendia em um coque na nuca.

Um milhão de perguntas brigavam por precedência em minha mente, mas havia apenas uma que insistia com urgência.

— Por que você não me informou imediatamente quando Pa ficou doente? — perguntei quando entramos na casa e caminhamos em direção à sala de visitas, de teto alto, que se abria para uma varanda ampla de pedra, coberta com vasos cheios de flores coloridas.

— Maia, acredite, implorei por permissão para te contar, contar a todas vocês, mas ele ficou tão perturbado quando comentei que tive de fazer sua vontade.

Compreendi que, se Pa pedisse para ela não nos avisar, havia pouco que Ma poderia fazer. Ele era o Rei e Marina era, na melhor das hipóteses, sua súdita mais confiável; na pior, uma criada que fazia exatamente o que ele mandava.

— Ma, onde ele está agora? — perguntei. — Ainda está no quarto? Devo subir e... vê-lo?

— Não, *chérie*, ele não está lá em cima. Você gostaria de um chá antes de saber mais? — ela perguntou.

— Pra ser honesta, acho que prefiro um gim-tônica bem forte — admiti ao me sentar em um dos grandes sofás.

— Vou pedir para Cláudia preparar. E acho que, diante das circunstâncias, também vou tomar um.

Observei Marina deixar a sala para procurar Cláudia, nossa governanta, que estava em *Atlantis* havia tanto tempo quanto Marina. Ela era alemã, e sua aparência carrancuda escondia um coração de ouro. Como todas nós, idolatrava seu patrão. Eu me perguntei, de repente, o que aconteceria com ela e com Marina. E, na verdade, o que aconteceria com *Atlantis* agora que Pa havia partido.

Essas palavras ainda soavam incongruentes. Pa estava sempre “partindo”: para algum lugar, fazendo alguma coisa, ainda que ninguém entre seus funcionários ou sua família tivesse ideia do que, exatamente,

ele fazia para ganhar a vida. Eu perguntei uma vez, quando minha amiga Jenny veio passar as férias escolares conosco e ficou espantada com o modo suntuoso como vivíamos.

— Seu pai deve ser absurdamente rico — ela havia comentado, maravilhada, enquanto descíamos do jatinho particular de Pa, que tinha acabado de pousar no aeroporto La Mole, próximo a Saint-Tropez. O chofer estava esperando na pista para nos levar até o porto, onde embarcaríamos no *Titan*, nosso magnífico iate com dez cabines, e partiríamos em nosso cruzeiro anual pelo Mediterrâneo e aonde quer que Pa desejasse nos levar.

Como qualquer criança, rica ou pobre, já que não conhecemos nada diferente enquanto crescíamos, o modo como vivíamos nunca me pareceu incomum. Todas nós tivemos aulas com professores particulares quando éramos pequenas, e foi apenas quando ingressei em um colégio interno, aos treze anos de idade, que comecei a perceber que nossa vida estava longe de uma existência normal.

Perguntei ao Pa uma vez o que ele fazia para dar à sua família todo o conforto imaginável.

Ele me olhou daquele jeito misterioso todo dele e sorriu.

— Sou apenas um mago.

O que, como era sua intenção, não me dizia muita coisa. À medida que crescia, comecei a perceber que Pa realmente era um mestre do ilusionismo e nada era o que parecia ser.

Quando Marina voltou para a sala de visitas carregando dois gins-tônicas em uma bandeja, percebi que, depois de trinta e três anos, eu ainda não tinha ideia de quem meu pai fora no mundo além de *Atlantis*. E ponderei se finalmente começaria a descobrir...

— Aí está — Marina disse, colocando a bebida diante de mim. — Um brinde ao seu pai — ela continuou, levantando o copo. — Que ele descanse em paz.

— Sim, um brinde a Pa Salt. Que ele descanse em paz.

Marina tomou um gole grande antes de colocar o copo sobre a mesa e pegar minhas mãos.

— Maia, antes de discutirmos qualquer detalhe, preciso te contar uma coisa.

— O quê? — perguntei, olhando para sua expressão cansada, franzida de ansiedade.

— Você me perguntou mais cedo se seu pai ainda estava aqui na casa. A resposta é que ele já foi sepultado. Era um desejo dele que isso fosse feito imediatamente e que nenhuma de vocês, meninas, estivesse presente.

Encarei-a como se ela tivesse perdido a razão.

— Ma... Você me disse há apenas alguns minutos que ele morreu nas primeiras horas da manhã de hoje! Como é possível que um enterro tenha sido organizado com tanta rapidez? E por quê?

— Maia, seu pai foi claro: assim que partisse, seu corpo seguiria de jatinho até o iate. Assim que estivesse a bordo, seria colocado em um caixão de chumbo que, ao que tudo indica, estava no compartimento de carga do *Titan* fazia muitos anos, esperando por esse acontecimento. Dali, ele seria levado para alto-mar. Naturalmente, considerando seu amor pela água, ele queria descansar no oceano. E não queria a angústia de suas filhas... presenciando o evento.

— Meu Deus — murmurei, as palavras de Marina me fazendo estremecer. — Com certeza ele sabia que todas nós gostaríamos de nos despedir. Como ele pôde fazer isso? O que vou dizer às outras? Eu...

— Querida Maia, você e eu moramos nesta casa há mais tempo e ambas sabemos que nunca devemos questionar os motivos do seu pai — suspirou. — Acredito que ele quisesse ser sepultado do modo que viveu: discretamente.

— E no controle — acrescentei, a raiva começando a crescer dentro de mim. — É quase como se não confiasse nas pessoas que o amam para fazer o certo por ele.

— Qualquer que fosse o seu critério — Marina disse —, espero que, com o tempo, vocês todas se lembrem dele como o pai afetuoso que era. A única coisa que sei com certeza é que vocês, meninas, eram o mundo dele.

— Mas qual de nós o conhecia? — perguntei, a frustração trazendo lágrimas aos meus olhos. — Algum médico confirmou a morte? Você deve ter uma certidão de óbito. Posso ver?

— O médico me pediu alguns dados pessoais, como lugar e o ano de nascimento. Expliquei que eu era apenas uma empregada e que não conhecia esses detalhes. Pedi que entrasse em contato com Georg Hoffman, o advogado que cuida dos interesses do seu pai.

— Mas por que ele era tão reservado, Ma? Eu estava pensando hoje, durante o voo, e não me lembro de uma ocasião em que ele tivesse trazido amigos a *Atlantis*. Raramente, quando estávamos no iate, um contato de negócios subia a bordo para uma reunião e eles desapareciam para dentro do escritório, mas ele nunca socializava.

— Ele queria manter a vida familiar separada dos negócios, com toda a atenção voltada para suas filhas.

— As filhas que ele adotou e trouxe aqui de todos os cantos do mundo. Por quê, Ma, por quê?

Marina me olhou em silêncio, seus olhos sábios e tranquilos não revelando nenhuma pista quanto ao que ela sabia ou não.

— Quero dizer, quando você é criança — continuei —, você cresce aceitando a vida que tem. Mas ambas sabemos que não é comum, diria até que é muito estranho, um homem solteiro de meia-idade adotar seis meninas ainda bebês e trazê-las para a Suíça para serem criadas sob o mesmo teto.

— Seu pai *era* um homem incomum — Marina concordou. — Mas, certamente, dar a chance de uma vida melhor a órfãs sob sua proteção não pode ser considerado uma coisa ruim — ela argumentou. — Muitas pessoas ricas adotam crianças quando não têm filhos naturais.

— Geralmente elas são casadas — respondi bruscamente. — Ma, você sabe se Pa teve alguma namorada? Alguém a quem tenha amado? Eu o conheci por trinta e três anos e nunca o vi com uma mulher.

— *Chérie*, entendo que seu pai se foi e, de repente, você percebeu que tem muitas perguntas que gostaria de ter feito a ele e que agora não podem ser respondidas... Mas não posso te ajudar. Além disso, esta não é uma boa hora — Marina acrescentou gentilmente. — Por enquanto precisamos celebrar quem ele foi para cada uma de nós e nos lembrar dele como o ser humano gentil e bondoso que todas conhecemos por

detrás das paredes de *Atlantis*. Tente se lembrar de que seu pai tinha mais de oitenta anos. Ele viveu uma vida longa e frutífera.

— Mas ele estava velejando com a Laser, no lago, apenas três semanas atrás, se movendo de um lado para o outro do barco como um homem com a metade de sua idade — suspirei. — É difícil conciliar essa imagem com a de alguém que está morrendo.

— É sim, e graças a Deus ele não seguiu os passos de muitos outros com a mesma idade, que morrem lenta e dolorosamente. É maravilhoso que você e as outras meninas se lembrarão dele como um homem saudável e feliz — Marina confortou. — É certamente do que ele gostaria.

— Ele não sofreu no fim, sofreu? — perguntei, com hesitação, sabendo, do fundo do coração, que Marina jamais me contaria se tivesse sofrido.

— Não. Ele sabia o que estava por vir, Maia, e acredito que tenha feito as pazes com Deus. Honestamente, acredito que estivesse contente em partir.

Tentei encontrar consolo no que ela dizia, mas fracassei.

— Como diremos às outras que nosso pai se foi? — supliquei. — E que nem mesmo há um corpo para enterrar? Elas se sentirão como eu me sinto, como se ele simplesmente tivesse desaparecido no ar.

— Seu pai pensou nisso antes de morrer, e Georg Hoffman, o advogado, telefonou mais cedo. Prometo que cada uma de vocês terá uma chance de se despedir dele.

— Mesmo na morte, Pa tem tudo sob controle — eu disse, com um suspiro de frustração. — Deixei mensagens para todas as minhas irmãs, mas nenhuma retornou ainda.

— Bem, Georg Hoffman está de prontidão para vir até aqui assim que todas chegarem. E, por favor, Maia, não me pergunte o que ele vai dizer, pois não faço ideia. Agora, pedi para a Cláudia preparar uma sopa. Duvido que você tenha comido alguma coisa desde a manhã. Você prefere levar a refeição para o Pavilhão ou quer ficar aqui na casa esta noite?

— Vou tomar a sopa aqui, depois vou para casa, se você não se importar. Acho que preciso ficar sozinha.

— Claro. — Marina se inclinou em minha direção e me deu um abraço. — Entendo que esse é um choque terrível. E lamento, mais uma vez, ter de carregar o fardo da responsabilidade de informar o resto das meninas, mas ele me pediu que contasse a você primeiro. Não sei se você encontra consolo nisso. Agora, devo pedir para Cláudia aquecer a sopa? Acho que nós duas precisamos comer alguma coisa.

* * *

Depois que comemos, avisei Marina de que iria para cama e lhe dei um beijo de boa-noite. Pude notar que ela estava exausta. Antes de deixar a casa, subi os muitos lances de escada até o último andar e olhei em cada um dos quartos de minhas irmãs. Todos estavam tão vazios como quando elas saíram de casa para seguir seus próprios caminhos, mas cada um ainda exibia suas personalidades tão diferentes. Não importava quando retornassem, como pombos ao seu ninho à beira-mar: nenhuma delas teria interesse algum em mudá-los. Inclusive eu.

Abrindo a porta do meu antigo quarto, fui até a prateleira onde ainda guardava meus tesouros de infância mais valiosos. Peguei uma velha boneca de porcelana que Pa havia me dado quando eu era bem pequena. Como sempre, ele teceu uma história mágica: a boneca pertencera a uma jovem condessa russa, mas havia ficado solitária em seu palácio de neve, em Moscou, depois que sua dona cresceu e se esqueceu dela. Ele me disse que seu nome era Leonora e que ela precisava de um novo par de braços para amá-la.

Colocando a boneca de volta na prateleira, busquei a caixa que continha um presente que Pa me deu no meu aniversário de dezesseis anos. Abri-a e peguei o colar que ela guardava.

— É uma selenita, Maia — ele disse, enquanto eu admirava a pedra opalescente, incomum, que brilhava com um tom azulado, rodeada de pequenos diamantes. — É mais velha do que eu e vem com uma história muito interessante. — Lembro que ele hesitou naquele momento, como se estivesse ponderando. — Quem sabe eu te conto um dia? — ele con-

tinuou. — O colar talvez seja um pouco adulto demais para você no momento. Mas, quando você crescer, acho que vai combinar muito bem.

Pa estava certo. Na época, meu corpo era enfeitado — como o de todas as minhas colegas de escola — com pulseiras prateadas baratas e crucifixos grandes pendurados com couro ao redor do meu pescoço. Nunca usei a selenita, e ela ficou ali, esquecida naquela prateleira, desde então.

Mas iria usá-la agora.

Indo até o espelho, fechei a pequena fivela da delicada corrente de ouro ao redor do meu pescoço e estudei a pedra. Talvez fosse minha imaginação, mas ela parecia brilhar intensamente contra minha pele. Meus dedos instintivamente a tocaram enquanto eu caminhava até a janela para olhar as luzes cintilantes do Lago Léman.

— Descanse em paz, querido Pa Salt — suspirei.

Antes que as lembranças me dominassem, afastei-me rapidamente do meu quarto de infância, deixei a casa e segui por uma passarela estreita que levava ao meu lar atual, a uns duzentos metros dali.

A porta da frente do Pavilhão ficava permanentemente destrancada; devido à segurança de alta tecnologia que protegia o perímetro de nossa propriedade, havia pouca probabilidade de alguém roubar alguns dos meus poucos pertences.

Entrando, vi que Cláudia já havia acendido as lâmpadas da sala de estar. Desabei sobre o sofá, o desespero me dominando.

Eu era a irmã que nunca havia partido.

Quando meu telefone tocou, às duas da manhã, eu estava deitada, ainda sem conseguir dormir, ponderando por que me sentia incapaz de chorar a morte de Pa. Meu estômago deu uma volta de cento e oitenta graus quando vi o nome de Taygete na tela.

— Alô?

— Maia, desculpe ligar tão tarde. Só recebi sua mensagem agora. O sinal é ruim aqui. Deu para perceber em sua voz que há algo errado. Você está bem?

O som da voz suave e doce de Taygete derreteu as arestas congeladas da pedra que pareciam estar no lugar do meu coração.

— Sim, estou bem, mas...

— É Pa Salt?

— Sim. — Engoli a seco, sem fôlego de tanta tensão. — Como você soube?

— Não sabia, quero dizer, não sei. Mas senti uma coisa muito estranha esta manhã quando estava no campo procurando uma das corças mais jovens que marcamos há algumas semanas. Quando a encontrei, estava morta e, por algum motivo, pensei em Pa. Ignorei a sensação porque pensei que fosse apenas tristeza por causa da corça. Ele está...?

— Sinto muito, Taygete, mas... devo dizer que ele faleceu hoje de manhã. Ou melhor, ontem de manhã — corriji.

— Ah, Maia, não... Meu Deus, não consigo acreditar. O que aconteceu? Foi um acidente no barco? Disse a ele quando o vi pela última vez que não deveria mais navegar no Laser sozinho.

— Não, ele morreu em casa. Foi um ataque cardíaco.

— Você estava com ele? Ele sofreu? Eu... — A voz de Taygete perdeu força. — Não suporto pensar nele sofrendo.

— Não, Taygete, eu não estava lá. Passei alguns dias com minha amiga Jenny em Londres. — Respirei fundo ao me lembrar. — Na verdade, foi Pa quem me convenceu a ir. Ele disse que me faria bem sair de *Atlantis*, tirar umas férias.

— Ah, Maia, isso deve ser terrível para você. Raramente deixa a casa, e logo quando sai...

— Sim — concordei com ênfase.

— Você não acha que ele sabia, acha? E queria te poupar?

Taygete deu voz ao pensamento que não saía da minha cabeça nas últimas horas.

— Não, não acho. Acredito que isso se chame “Lei de Murphy”. De qualquer forma, não se preocupe comigo. Estou muito mais preocupada com você e essa notícia terrível que acabei de te dar. Você está bem? Queria estar aí para te abraçar.

— Para ser honesta, não sei como me sinto agora exatamente, porque isso não parece real. E talvez não pareça real até eu chegar em casa. Vou tentar conseguir um voo para amanhã. Você já contou para as outras?

— Deixei inúmeras mensagens e pedi que me ligassem com urgência.

— Bem, estarei de volta assim que possível para ajudar, querida Maia. Tenho certeza de que há muitas coisas a fazer para o funeral.

Não consegui compartilhar a notícia de que nosso pai já havia sido sepultado.

— Vai ser bom ter você aqui. Agora, tente dormir, Taygete, se conseguir. Se precisar conversar, a qualquer hora, estou aqui.

— Obrigada. — A oscilação na voz de Taygete era um indício de que ela estava prestes a chorar, absorvendo a notícia. — Maia, você sabe

que ele não foi embora. Os espíritos não morrem; eles apenas se mudam para outro plano.

— Espero que sim. Boa noite, querida Taygete.

— Seja forte, Maia. Vejo você amanhã.

Ao pressionar o botão para encerrar a chamada, deitei-me na cama, exausta, desejando ter as mesmas crenças espirituais que Taygete acerca da vida após a morte. Naquele momento eu não conseguia pensar em uma única razão cármica para Pa Salt deixar a Terra.

Certa vez, eu *acreditei* que havia um Deus, ou pelo menos um poder superior à compreensão humana. Mas, em algum momento do caminho, tal consolo foi tirado de mim.

Se fosse honesta, eu saberia dizer exatamente quando isso aconteceu.

Ajudaria se eu pudesse aprender a *sentir* outra vez, em vez de existir como um robô que, ao menos em aparência, era um ser humano calmo e funcional. O fato de eu mal ter reagido à morte de Pa Salt com a emoção apropriada revelava que o problema tinha raízes profundas.

Ainda assim, pensei, eu não tinha dificuldade para consolar os outros. Sabia que minhas irmãs me viam como o alicerce da família, aquela que estaria sempre ao lado delas quando houvesse um problema. A irmã prática, racional e, como Marina me disse quando me deu a notícia, forte.

Ainda assim, bem no fundo, eu sabia que sentia mais medo que qualquer uma delas. Enquanto minhas irmãs abriram as asas e deixaram o ninho, eu permaneci, escondida atrás da necessidade de minha presença enquanto Pa envelhecia. E atrás da desculpa adicional de que era uma situação perfeita para a carreira que escolhi, que era solitária.

Ironicamente, por causa do vazio da minha vida pessoal, eu passava os dias em um mundo fictício e frequentemente romântico, traduzindo romances do russo e do português para o francês, meu idioma pátrio.

Pa foi o primeiro a notar meu dom e minha habilidade de imitar, como um papagaio, qualquer idioma em que falassem comigo. Ele mesmo um especialista em idiomas, gostava de mudar de uma língua para outra para ver se eu faria o mesmo ao responder. Aos doze anos, eu já era fluente em francês, alemão e inglês — todos os idiomas falados

na Suíça — e tinha um bom conhecimento de latim, grego, italiano, russo e português.

Os idiomas se tornaram um verdadeira paixão para mim, um desafio que era ilimitado, porque não importava quanto era boa: sempre poderia melhorar. As palavras e seu uso correto, tanto no diálogo falado quanto no escrito, me fascinavam. Quando chegou a hora de pensar no que estudar na universidade, a escolha estava clara para mim.

Apenas pedi a Pa sugestões sobre os idiomas em que deveria me especializar.

Ele me olhou pensativo.

— Bem, Maia, cabe a você escolher, mas talvez não deva ser aquele em que você tem fluência no momento, uma vez que terá três ou quatro anos para aprender e aperfeiçoá-lo na universidade.

— Realmente não sei o que fazer, Pa — suspirei. — Amo todos eles. Por isso estou perguntando.

— Bem, então, vou dar um parecer lógico e dizer que, nos próximos trinta anos, o poder econômico do mundo vai mudar radicalmente. Portanto, se fosse você, considerando que já é fluente em três das línguas ocidentais mais importantes, eu buscaria algo mais longe.

— Você quer dizer em países como a China e a Rússia? — perguntei.

— Isso, e também a Índia e o Brasil, claro. Todos esses países possuem riquezas que ainda não foram exploradas e culturas fascinantes.

— Certamente gosto de russo e, na verdade, português. É um idioma — lembro que procurei as palavras adequadas — muito expressivo.

— Bem, então, aí está. — Pa sorriu, e notei que ficou satisfeito com minha resposta. — Por que não estuda ambos? Com seu talento natural para a filologia, você consegue conciliar os dois com facilidade. Garanto, Maia, que, com um ou dois desses idiomas, o mundo estará ao seus pés. Existem poucas pessoas capazes de ver o que está por vir. O mundo está mudando, e você estará na frente.

* * *

Minha garganta estava seca; saí da cama e fui para a cozinha tomar um copo de água. Pensei em Pa esperando que eu, armada com minhas habilidades únicas, embarcasse com confiança na nova era que estava por vir. Naquela época, pensei que era quase exatamente isso que faria. Mais que qualquer coisa, eu estava desesperada para que ele sentisse orgulho de mim.

Mas, como com tantos seres humanos, a vida trouxe acontecimentos que me desviaram da trajetória planejada. E, em vez de serem uma plataforma de lançamento para o mundo, minhas habilidades permitiram que eu me escondesse na casa onde cresci.

Minhas irmãs criticavam minha vida reservada enquanto flutuavam de uma existência a outra pelo mundo. Diziam que eu me tornaria uma velha solitária. Afinal, como conheceria alguém me recusando a colocar os pés fora de *Atlantis*?

— Você é tão bonita, Maia! Todos que conhecem você dizem isso, ainda assim, você fica aqui sozinha. É um desperdício — Alcyone me repreendeu quando a vi da última vez.

Era verdade que minha aparência me destacava entre a multidão. Em uma família com seis irmãs, todas recebemos rótulos quando éramos mais jovens, a característica que nos tornava especial.

Maia, a beldade; Alcyone, a líder; Asterope, a pacificadora; Celeano, a pragmática; Taygete, a diligente; e Electra, a bola de fogo.

A questão era, pensei enquanto tomava um gole de água: nossos dons nos trouxeram sucesso e felicidade?

Algumas das minhas irmãs ainda eram muito jovens e não viveram o bastante para saber ou para que eu pudesse julgar. Falando por mim, eu sabia que o “dom” da beleza ajudou a criar o momento mais doloroso da minha vida, apenas porque era muito ingênua na época para entender o poder que ela exercia. Então, agora, eu a escondia, o que significava me esconder.

Notei que Pa me observava quando me visitava no Pavilhão. Frequentemente perguntava se eu estava feliz.

— Claro. — Eu sempre respondia afirmativamente. Afinal, tinha poucos motivos aparentes para não ser. Vivia com grande conforto,

com braços amorosos a poucos metros de distância. E o mundo, tecnicamente, *estava* aos meus pés. Eu não tinha vínculos, nem responsabilidades...

Mas como eu ansiava por isso.

Sorri brevemente ao pensar em Pa, apenas alguns dias antes, me incentivando a visitar Jenny em Londres. E porque foi ele quem sugeriu, e passei toda a minha vida adulta sentindo que o havia decepcionado, concordei. Mesmo que não pudesse ser “normal”, esperava que ele pensasse o contrário.

Então, fui para Londres... e retornei para perceber que ele também havia partido. Para sempre.

Considerando que eram quatro da manhã, voltei para o quarto e me deitei, desesperada para adormecer. Mas o sono não vinha. Meu coração começou a bater forte e eu percebi que, com a morte de Pa, não poderia mais usá-lo como desculpa para permanecer escondida ali. Era até possível que *Atlantis* fosse vendida. Pa nunca havia comentado comigo qualquer coisa sobre o que aconteceria depois de sua morte. Até onde eu sabia, ele também não falou com nenhuma das minhas irmãs.

Até algumas horas atrás, Pa Salt era onipotente, onipresente. Uma força da natureza que nos mantinha a salvo no ar: capazes de voar, mas igualmente sentindo sua proteção o tempo todo.

Pa costumava se referir a nós como suas maçãs douradas. Maduras e perfeitamente redondas, esperando para serem colhidas. E, agora, o galho foi chacoalhado e todas nós fomos derrubadas ao chão, sem uma mão firme para nos pegar enquanto caíamos.

* * *

Ouvi alguém bater à porta e caminhei aos tropeços para atender. Desesperada com a aproximação da alvorada, horas antes, procurei alguns calmantes que me receitaram havia alguns anos e tomei um. Ao olhar para o relógio na parede e ver que passava das onze, desejei não ter tomado nada.

Quando abri a porta, encontrei o rosto preocupado de Marina.

— Bom dia, Maia. Tentei ligar no telefone fixo e no celular, mas ninguém atendeu, então vim ver se está tudo bem.

— Desculpe. Tomei um calmante e ele me derrubou. Entre — convidei, envergonhada.

— Não. Vou deixar você acordar direito. Depois que tomar um banho e se vestir, pode ir até a casa? Taygete telefonou e disse que chega por volta das seis da tarde. Ela conseguiu falar com Asterope, Celeano e Electra, então elas também estão a caminho. Alguma notícia da Alcyone?

— Vou checar o celular e, se não tiver nada, ligo outra vez.

— Você está bem? Não está com uma aparência boa, Maia.

— Vou ficar bem, Ma, sério. Vou até a casa mais tarde.

— Tudo bem, mas lembre-se que comprimidos não são a solução, *chérie*.

— Eu sei.

Fechei a porta e fui ao banheiro lavar o rosto com água gelada para despertar. Ao me olhar no espelho, entendi por que Marina perguntou se eu estava bem. Linhas apareceram da noite para o dia ao redor dos meus olhos, e havia marcas azuladas sob eles. Meu cabelo escuro, normalmente brilhante, caía apagado e oleoso ao redor do rosto. E minha pele, geralmente da cor do mel e que não precisava de maquiagem, estava pálida e parecia inchada.

— A beldade da família está irreconhecível hoje — resmunguei para meu reflexo antes de procurar o celular entre as roupas de cama. Quando finalmente encontrei o aparelho sob o edredom, notei que havia oito chamadas perdidas. Ouvi as vozes das minhas irmãs, suas mensagens variando entre a descrença e o choque. A única irmã que ainda não havia respondido meu SOS era Alcyone. Mais uma vez, falei com sua caixa postal e pedi que me ligasse com urgência.

Na casa principal, encontrei Marina e Cláudia trocando os lençóis e arejando os quartos do último andar. Notei que Marina, apesar de sua dor, estava contente com suas meninas voltando para casa. Era raro, naqueles dias, estarmos todas sob o mesmo teto. A última vez que isso

aconteceu fora em julho, onze meses antes, no iate de Pa, em um cruzeiro pelas ilhas gregas. No Natal, apenas quatro de nós estávamos em casa, já que Asterope e Celeano tinham decidido passar alguns meses viajando no Extremo Oriente.

— Pedi a Christian para pegar o barco e buscar uma compra que fiz — Marina disse enquanto descíamos as escadas. — Suas irmãs são tão exigentes, Taygete é vegetariana e sabe Deus que dieta passageira Electra está fazendo — resmungou, uma parte sua adorando cada segundo daquele caos repentino. Isso a lembrava, eu sabia, de quando estávamos todas sob seus cuidados e precisávamos dela. — Cláudia acordou na cozinha, mas devemos optar pela simplicidade hoje e comer massa e salada. Vocês gostam disso.

— Você sabe a que horas Electra chega? — perguntei quando chegamos à cozinha e o aroma apetitoso da comida de Cláudia trouxe uma série de lembranças da infância.

— Provavelmente não antes da madrugada. Ela conseguiu um voo de Los Angeles a Paris e depois voa de lá para Genebra.

— Como ela estava no telefone?

— Ela estava... chorando — Marina respondeu. — Histericamente — acrescentou, com um suspiro.

— E quanto a Asterope e Celeano?

— Como sempre, Celeano estava cuidando dos preparativos para as duas. Não falei com Asterope. Celeano parecia desesperada, pobrezinha, como se tivesse perdido o chão. Elas chegaram do Vietnã há apenas dez dias. Coma um pão fresco, Maia. Tenho certeza de que não comeu nada ainda.

— Obrigada — respondi, e Marina colocou uma fatia de pão com manteiga e geleia na minha frente. — Não quero pensar em como elas estarão — murmurei, mordendo o pão.

— Vão estar como sempre estão e reagir de formas diferentes — Marina respondeu, com sabedoria.

— Todas pensam que estão voltando para casa para o funeral de Pa — suspirei. — Mesmo que fosse um evento extremamente angustiante, pelos menos seria um rito de passagem, um momento onde todas pode-

ríamos celebrar sua vida, colocá-lo para descansar e, suspostamente, começar a superar. Mas agora elas vão chegar em casa e descobrir que ele se foi.

— Entendo, Maia. Mas o que está feito está feito — Marina disse, com pesar.

— Deve haver, com certeza, amigos ou parceiros de negócios a quem deveríamos informar.

— Georg Hoffman disse que cuidaria disso. Ele telefonou outra vez esta manhã para saber quando vocês todas estarão aqui e, então, se preparar para vir vê-las. Eu disse que retornaria a ligação assim que conseguíssemos falar com Alcyone. Talvez ele possa esclarecer alguns dos mistérios da mente do seu pai.

— Bem, espero que alguém possa — resmunguei, descontente.

— Você se importa em comer sozinha? Tenho mil coisas para fazer antes de suas irmãs chegarem.

— Claro. Obrigada, Ma — respondi. — Não sei o que faríamos sem você.

— Ou o que eu faria sem vocês. — Ela tocou meu ombro e deixou a cozinha.

Por volta das cinco da tarde, depois de horas caminhando sem rumo pelos jardins e tentando trabalhar em uma tradução para tentar não pensar em Pa e nas consequências de sua morte, ouvi o motor de uma lancha se aproximando do píer. Aliviada que Taygete finalmente houvesse chegado e que, pelo menos, não ficaria mais sozinha com meus pensamentos, abri a porta da frente e corri pelo jardim para recebê-la.

Observei enquanto ela descia graciosamente do barco. Pa frequentemente sugeria que ela estudasse balé quando era criança; Taygete não andava, flutuava, carregando seu corpo ágil e elegante com leveza, como se seus pés não tocassem o chão. Ela tinha uma presença distintamente sobrenatural, e seus grandes olhos claros, emoldurados por sobrancelhas espessas, dominavam seu rosto em forma de coração. Fiquei impressionada com sua semelhança com a jovem corça de que cuidou com tanto fervor.

— Querida Maia — ela disse, colocando seus braços ao meu redor.

Ficamos abraçadas por um momento, em silêncio. Quando ela se afastou de mim, vi que lágrimas transbordavam de seus olhos.

— Como você está? — ela perguntou.

— Chocada, estarrecida... e você?

— O mesmo. Ainda incapaz de absorver — respondeu ela quando começamos a caminhar, nossos braços ainda apertados ao redor dos ombros uma da outra.

Taygete parou abruptamente na varanda e me encarou.

— Pa está...? — Ela indicou a casa. — Se estiver, preciso de alguns momentos para me preparar.

— Não, Taygete, ele não está mais na casa.

— Suponho que o tenham levado para um... — Sua voz desapareceu pesadamente com a ideia.

— Vamos entrar, tomar uma xícara de chá e eu explico tudo.

— Sabe, tentei sentir a presença dele, quero dizer, do seu espírito. Geralmente consigo, entende? — Taygete suspirou. — Mas havia apenas um vazio; nada para sentir.

— Talvez seja muito cedo para sentir qualquer coisa — consolei-a, acostumada com as ideias estranhas de Taygete e querendo evitar meu pragmatismo implacável. — Com certeza eu não sinto nada — acrescentei enquanto entrávamos na cozinha.

Cláudia estava ao lado da pia e se virou para ver Taygete, que sempre suspeitei ser sua favorita por causa da fragilidade e gentileza, e vi compreensão em seus olhos.

— Não é horrível? — Taygete disse, caminhando em direção à governanta e oferecendo um abraço. Ela era a única entre nós que se sentia confortável o bastante para abraçar Cláudia.

— É, sim — Cláudia concordou. — Vão para a sala de visitas. Já vou servir o chá para vocês.

— Onde está a Ma? — Taygete perguntou depois que seguimos as ordens de Cláudia.

— Lá em cima, dando um último retoque nos quartos de vocês. Ela provavelmente quis nos deixar um pouco a sós — respondi enquanto nos sentávamos.

— Ela estava aqui? Quero dizer, com Pa, no final?

— Sim.

— Mas por que ela não entrou em contato mais cedo? — Taygete perguntou, assim como eu havia perguntado.

Nos trinta minutos seguintes, respondi a todas as perguntas que fiz quando interroguei Marina no dia anterior. Também contei que o corpo

de Pa já havia sido sepultado em uma caixa de chumbo no oceano. Esperava que ela ficasse tão indignada quanto eu, mas Taygete apenas deu um leve suspiro de compreensão.

— Ele queria retornar ao lugar que amava e descansar lá para sempre. De certa forma, Maia, estou contente que não o tenha visto... *sem vida*, porque agora posso me lembrar dele do jeito que era.

Estudei minha irmã, surpresa que, sendo a mais sensível entre todas nós, a morte de Pa não a tivesse afetado tanto quanto imaginei que afetaria, ao menos visivelmente. Seus cabelos grossos e castanhos brilhavam ao redor de sua face como uma crina suntuosa. Os enormes olhos castanhos, com sua expressão inocente, quase surpresa, cintilavam.

A reação calma de Taygete me deu esperanças de que minhas outras irmãs seriam tão otimistas quanto ela aparentava ser, ainda que eu não fosse.

— Ironicamente, Taygete, você está maravilhosa — elogiei, dando voz aos meus pensamentos. — Parece que todo aquele ar fresco da Escócia combina com você.

— Ah, combina sim, definitivamente — ela concordou. — Depois de todos aqueles anos da infância que fiquei dentro de casa, sinto que fui libertada. Amo meu emprego, mesmo sendo trabalho duro, e o chalé onde moro é bem básico. Não tem nem banheiro dentro de casa.

— Uau — respondi, admirando sua habilidade de renunciar a todo o conforto para seguir sua paixão. — Então, é mais satisfatório que trabalhar em um laboratório no Servion Zoo?

— Ah, meu Deus, com certeza. — Taygete ergueu uma sobrancelha. — Para ser honesta, era um ótimo emprego, mas eu odiava aquele lugar porque não estava trabalhando com os animais, apenas analisava sua composição genética. Você deve pensar que sou louca por deixar uma carreira promissora para vagarear pelas regiões montanhosas da Escócia durante dias e noites, por quase salário nenhum, mas é muito mais gratificante.

Ela arregalou os olhos e sorriu quando Cláudia entrou na sala carregando uma bandeja, que colocou sobre a mesinha de centro antes de se retirar.

— Não acho que você seja louca, Taygete. Sério, entendo muito bem.

— Na verdade, nunca me senti tão feliz... Até falar com você ontem à noite.

— É porque você encontrou sua vocação, tenho certeza — sorri.

— É, isso e... outras coisas — ela admitiu, e notei um rubor suave tingir suas faces delicadas. — Mas essa é uma história para outra hora. Quando as outras chegam?

— Celeano e Asterope devem chegar por volta das sete e Electra chega nas primeiras horas da madrugada — respondi.

— Como ela reagiu quando soube? — Taygete perguntou. — Não precisa responder. Posso imaginar.

— Foi Ma quem falou com ela. Disse que Electra chorou muito.

— Como sempre, então — Taygete comentou, tomando um gole de chá. Depois suspirou, de repente, e o brilho desapareceu de seus olhos. — É estranho. Continuo esperando que Pa entre na sala a qualquer momento. Mas ele nunca mais vai fazer isso.

— Não, não vai — concordei, com tristeza.

— Há algo que precisemos fazer? — Taygete se levantou e foi até a janela olhar para fora, como uma gazela presa buscando sua liberdade. — Sinto que deveríamos fazer... *alguma coisa* — repetiu.

— Não há nada para fazer. Ao que parece, o advogado de Pa virá nos ver quando estivermos todas reunidas, para explicar alguns detalhes, mas por enquanto — chacoalhei os ombros — podemos apenas esperar pelas outras.

— Certo.

Vi Taygete pressionar a testa contra o vidro da janela.

— Nenhuma de nós realmente o conhecia, não é? — ela disse, baixinho.

— Não, não o conhecíamos — concordei.

— Maia, posso fazer mais uma pergunta?

— Claro.

— Você se pergunta de onde veio? Quero dizer, quem foram seus verdadeiros pais?

— Isso já passou pela minha cabeça, Taygete, mas Pa foi tudo para mim. Ele *foi* o meu pai. Suponho que nunca tenha precisado, ou querido, nada além disso.

— Você quer dizer que se sentiria culpada se tentasse descobrir?

— Talvez — concordei —, mas Pa sempre foi o suficiente; eu não conseguiria imaginar um pai mais amoroso e atencioso.

— Entendo. Vocês tinham um elo diferente. Talvez o primogênito sempre tenha.

— Mas ele também te amava. Cada uma de nós tinha um relacionamento especial com ele.

— Sei que ele me amava — Taygete disse com calma —, mas isso não me impediu de pensar sobre minhas origens. Pensei em perguntar a ele, mas não queria chateá-lo. Então nunca perguntei. De qualquer forma — ela continuou, estoicamente —, agora é tarde demais. — Ela bocejou e acrescentou: — Você se importa se eu subir para o quarto para descansar? Talvez seja o choque tardio ou o fato de não ter um dia de folga há semanas, mas estou exausta.

— De jeito nenhum. Vá se deitar, Taygete.

Observei enquanto ela se levantou e flutuou pela sala até chegar à porta.

— Até mais tarde.

— Durma bem — eu disse ao me encontrar sozinha outra vez. E irritada. Talvez fosse impressão minha, mas o ar sobrenatural de Taygete, o modo como ficava distante de tudo o que acontecia ao seu redor, estava mais evidente. Eu não sabia exatamente o que queria dela; afinal, temia a reação das minhas irmãs à notícia, portanto deveria estar feliz que Taygete parecesse tão bem e tão calma apesar de tudo.

Ou o verdadeiro motivo da minha inquietação era o fato de cada uma das minhas irmãs ter uma vida além daquela com Pa Salt e seu lar de infância? Enquanto *Atlantis* e Pa Salt eram todo o meu mundo.

Asterope e Celeano desembarcaram da lancha pouco depois das sete, e eu estava lá para recebê-las. Nunca disposta a oferecer afeição física, Celeano me permitiu um abraço breve antes de se afastar.

— Notícia terrível, Maia — comentou. — Asterope está muito abalada.

— Tenho certeza que sim — respondi, observando Asterope parada atrás de nossa irmã, mais pálida do que nunca.

— Como você está, querida? — perguntei, abrindo os braços em sua direção.

— Devastada — ela sussurrou, apoiando a cabeça, com seus gloriosos cabelos da cor do luar, sobre meus ombros por alguns segundos.

— Pelo menos estamos juntas agora — acrescentei. Asterope se afastou de mim e se aproximou de Celeano, que imediatamente colocou um braço forte e protetor ao redor dela.

— O que precisa ser feito? — Celeano perguntou enquanto caminhávamos em direção à casa.

Guiiei as duas até a sala de visitas e pedi que se sentassem. E, mais uma vez, falei sobre as circunstâncias da morte de Pa e seu desejo de ter um sepultamento reservado, sem nossa presença.

— Então, quem foi que colocou Pa no mar? — Celeano perguntou, com a lógica fria que apenas minha quarta irmã possuía. Eu sabia que ela não queria ser insensível. Celeano desejava apenas os fatos.

— Para ser honesta, eu não perguntei, mas tenho certeza de que podemos descobrir. Provavelmente foi algum membro da tripulação do *Titan*.

— E onde foi? Foi perto de Saint-Tropez, onde o iate estava ancorado ou velejaram até alto-mar? Tenho certeza de que foram para alto-mar — Celeano acrescentou.

Eu e Asterope estremeçemos com sua necessidade de detalhes.

— Ma disse que ele foi sepultado em um caixão de chumbo que já estava a bordo do *Titan*. Mas onde foi, não sei de fato — respondi, esperando que esse fosse o fim do interrogatório.

— Tudo indica que o advogado vai nos informar sobre os detalhes do testamento de Pa Salt — ela insistiu.

— Sim, acredito que sim.

— Até onde sabemos, podemos estar destituídas — acrescentou. — Você se lembra de como ele era obcecado para que ganhássemos nosso sustento sozinhas? Não duvido que tenha deixado tudo para a caridade.

Mesmo sabendo que a falta de tato de Celeano estava mais evidente como forma de lidar com seu estado emocional atual, e que a delicadeza nunca tinha sido um ponto forte nela, cheguei ao meu limite. Não respondi ao seu comentário e, em vez disso, me volvei para Asterope, que estava sentada ao lado da irmã no sofá.

— Como você está se sentindo? — perguntei, gentilmente.

— Eu...

— Ela está em choque, como todas estamos — Celeano interrompeu antes que Asterope pudesse responder. — Mas vamos superar isso, não vamos? — continuou, estendendo uma mão bronzeada em direção à sua irmã e pegando seus dedos pálidos e finos. — É uma pena, porque eu estava prestes a dar boas notícias ao Pa.

— E que notícias são essas? — perguntei.

— Recebi um convite para começar, em setembro, um curso de um ano no The Royal College of Art, em Londres.

— Que ótima notícia, Celeano — comentei. Ainda que nunca tenha compreendido suas estranhas “instalações”, como Celeano se referia ao seu trabalho, preferindo um estilo de arte moderna mais tradicional, eu sabia que essa era sua paixão e fiquei contente por ela.

— Estamos empolgadas, não estamos?

— Sim — Asterope concordou obedientemente, apesar de, naquele momento, não parecer nem um pouco empolgada. Eu podia notar que seu lábio inferior tremia.

— Vamos nos estabelecer em Londres. Isto é, se ainda houver dinheiro disponível depois que nos reunirmos com o advogado de Pa.

— Honestamente, Celeano — eu disse, minha paciência finalmente chegando ao fim —, este não é um bom momento para pensar nessas coisas.

— Lamento, Maia, mas você sabe como eu sou. Amava Pa demais. Ele era um homem brilhante e sempre me incentivou com meu trabalho.

Por alguns instantes, vi vulnerabilidade e, talvez, um pouco de medo nos olhos castanhos de Celeano.

— Sim, ele era único — declarei.

— Certo, Asterope, por que você não sobe e desfaz as malas? — Celeano sugeriu. — A que horas será o jantar, Maia? Nós duas gostaríamos de comer alguma coisa logo.

— Vou pedir a Cláudia para servir assim que possível. Vai demorar ainda para Electra chegar, e eu não consegui falar com Alcyone.

— Até daqui a pouco, então — Celeano se levantou, com Asterope imitando seus passos. — Se houver algo que eu possa fazer, basta pedir — Celeano sorriu com tristeza ao dizer isso. Mesmo com toda a sua insensibilidade, eu sabia que fora sincera.

Mais uma vez sozinha, ponderei sobre o enigma que era o relacionamento entre essas minhas duas irmãs. Geralmente eu discutia isso com Marina, nós duas preocupadas, ao passo que, enquanto cresciam, Asterope apenas se escondia atrás da personalidade forte de Celeano.

— Parece que Asterope não tem personalidade própria — eu disse várias vezes. — Não tenho ideia do que ela realmente pensa. Com certeza, isso não é saudável.

Marina concordou completamente, mas, quando comentei com Pa Salt, ele sorriu seu sorriso enigmático e disse para não me preocupar.

— Um dia Asterope vai abrir as asas e voar, como o anjo glorioso que é. Espere para ver.

Isso não me consolou, pois, assim como Asterope dependia de Celeano, era óbvio que, apesar da aparência de autocontrole de Celeano, a dependência era mútua. E se Asterope *realmente* fizesse o que Pa Salt havia previsto, eu sabia Celeano ficaria desorientada sem ela.

* * *

O jantar naquela noite foi melancólico. Minhas irmãs se adaptavam a estar em casa, onde tudo ao nosso redor servia para lembrar o que perdemos e a enormidade da situação. Marina tentou o possível para

alegrar a todas, mas parecia incerta quanto ao que fazer para conseguir isso. Fez perguntas sobre o que cada uma de suas preciosas meninas fazia naquele momento de sua vida, mas lembranças silenciosas de Pa Salt traziam lágrimas espontâneas aos nossos olhos. Finalmente, a conversa deu lugar ao silêncio.

— Ficarei contente quando Alcyone for encontrada; poderemos seguir adiante e ouvir o que Pa Salt quer nos dizer — Taygete suspirou. — Com licença. Vou dormir.

Beijando todas nós, ela deixou a sala, assim como Celeano e Asterope fizeram poucos minutos depois

— Ah, minha nossa — Marina suspirou quando ficamos sozinhas à mesa. — Elas estão inconsoláveis. E concordo com Taygete; quanto mais cedo encontrarmos Alcyone e ela retornar, mais rápido poderemos começar a superar a perda.

— Obviamente ela está fora da área de alcance do celular — suspirei. — Você deve estar exausta, Ma. Vá dormir. Eu espero Electra chegar.

— Tem certeza, *chérie*?

— Claro que sim — confirmei, sabendo que Marina sempre teve dificuldade para lidar com minha irmã mais nova.

— Obrigada, Maia — ela disse, aceitando sem mais protestos. Levantou-se, beijou gentilmente minha cabeça e deixou a cozinha.

Nos trinta minutos seguintes, ajudei Cláudia a tirar a mesa, grata por ter alguma coisa prática para fazer enquanto esperava por Electra. Acostumada com o silêncio de Cláudia, considerei sua presença particularmente reconfortante naquela noite.

— Quer que eu tranque a casa, Maia? — ela perguntou.

— Não. Você também teve um longo dia. Vá dormir e eu cuido de tudo.

— Como preferir. *Guten nacht* — ela disse ao deixar a cozinha.

Vagando pela casa, sabendo que ainda havia pelo menos duas horas até Electra chegar e me sentindo desperta depois de dormir até tarde naquela manhã, cheguei até a porta do escritório de Pa Salt. Sentindo uma compulsão por sua presença ao meu redor, girei a maçaneta e descobri que a porta estava trancada.

Isso me surpreendeu e me perturbou; durante as muitas horas que ele passara naquela sala, trabalhando em casa, a porta sempre estivera aberta para suas meninas. Ele nunca estava ocupado demais para oferecer um sorriso de boas-vindas quando eu chegava; sempre gostei de me sentar em seu escritório, que continha sua essência física e material. Mesmo com uma série de computadores sobre sua mesa e uma tela enorme pendurada na parede, pronta para conferências via satélite, meus olhos sempre buscavam os pequenos tesouros pessoais colocados aleatoriamente nas prateleiras atrás da escrivaninha.

Objetos simples que, havia me dito, ele colecionou em suas viagens constantes ao redor do mundo. Entre outras coisas, havia uma miniatura da Madonna em um porta-retrato dourado, que cabia na palma da minha mão, um violino velho, uma bolsinha de couro surrada e um livro esfarrapado de um poeta inglês de quem nunca ouvi falar.

Nada raro, nada especialmente valioso, apenas bugigangas que significavam alguma coisa para ele.

Apesar da certeza de que um homem como Pa poderia ter enchido nossa casa com obras de arte de valor inestimável e antiguidades únicas se assim desejasse, na realidade não tínhamos muitos artefatos valiosos. Sempre senti que ele possuía aversão a pertences materiais sem vida de qualquer valor. Ele ridicularizava abertamente seus contemporâneos abastados quando pagavam somas exorbitantes por obras de arte famosas, dizendo que a maioria delas acabaria escondida em salas de segurança máxima devido ao medo de roubos.

— A arte deve ser exibida para todos — ele dizia. — É um presente do artista para a alma. Qualquer coisa que precise ficar escondida dos olhos não tem valor.

Quando ousei mencionar o fato de que ele mesmo tinha um jatinho particular e um iate luxuoso, ele ergueu uma sobrancelha

— Maia, você não vê que essas coisas são apenas meios de transporte? Proporcionam um serviço prático, um meio para chegar a um fim. Se pegarem fogo amanhã, posso facilmente substituí-las. Ter minhas seis obras de arte, minhas filhas, é o suficiente para mim. As únicas coisas no mundo que

merecem ser valorizadas, pois vocês são insubstituíveis. As pessoas a quem você ama *são* insubstituíveis, Maia. Lembre-se disso, certo?

Foram palavras que ele havia dito muitos anos antes e que nunca esqueci. Eu desejava apenas, com cada célula do meu corpo, ter me lembrado delas quando mais precisei.

Afastei-me da porta do escritório de Pa Salt emocionalmente vazia e fui para a sala de visitas, ainda me perguntando por que a porta estava trancada. Perguntaria a Marina no dia seguinte, pensei enquanto passava por uma mesa qualquer e pegava uma fotografia. Havia sido tirada a bordo do *Titan* alguns anos atrás e mostrava Pa, rodeado por todas as filhas, apoiado na amurada do convés do iate. Ele exibia um grande sorriso, suas feições atraentes relaxadas, sua cabeça coberta de cabelos grisalhos soprados pelo vento, seu corpo ainda musculoso e em forma bronzeado pelo sol.

— Quem *era* você? — perguntei à fotografia. Depois com um suspiro, devolvi o porta-retrato à mesa e, sem algo melhor para fazer, liguei a televisão e naveguei pelos canais até encontrar um telejornal. Como sempre, as notícias eram sobre guerra, dor e destruição, e eu estava prestes a mudar de canal quando o âncora anunciou que o corpo de Kreeg Eszu, famoso capitão da indústria que comandava uma empresa gigantesca de comunicação internacional, havia sido encontrado na enseada de uma ilha grega, trazido pelo mar.

Meu coração começou a bater mais forte... não apenas porque meu pai havia escolhido, recentemente, passar a eternidade no fundo do mar, mas porque havia uma ligação direta *comigo*...

Prestei atenção enquanto o repórter explicava que sua família havia anunciado que Kreeg Eszu fora diagnosticado com câncer terminal recentemente. A suspeita era de que, dado seu diagnóstico, Eszu tenha decidido tirar a própria vida. Seu filho, Zed, que havia anos trabalhava ao lado do pai, assumiria imediatamente o posto de CEO da Athenian Holdings. Uma foto dele apareceu na tela e, instintivamente, fechei os olhos.

— Meu Deus — gemi, me perguntando por que o destino escolheu esse momento para me lembrar do homem que passei os últimos quatorze anos tentando desesperadamente esquecer.

Parecia que, ironicamente, em um espaço de poucas horas, nós dois perdemos nossos pais para um túmulo que ficava no fundo do oceano.

Levantei-me, andando de um lado ao outro da sala e tentando esquecer a imagem de seu rosto — que parecia mais atraente do que me lembrava.

“Lembre-se da dor que ele causou a você, Maia”, disse a mim mesma. “Está acabado, foi há muitos anos. Não reviva aquilo, faça o que fizer...”

Mas claro, suspirei ao afundar no sofá, sem energia, que nunca estaria realmente acabado.